

## Ouro sobre o azul(ejo) Gold over azul(ejo)

### **Alexandre Pais**

Museu Nacional do Azulejo, Lisboa, Portugal, [apais@mnazulejo.dgpc.pt](mailto:apais@mnazulejo.dgpc.pt)

### **João Manuel Mimoso**

Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa, Portugal, [jmimoso@lnec.pt](mailto:jmimoso@lnec.pt)

### **Constança Azevedo Lima**

Museu Nacional do Azulejo, Lisboa, Portugal, [aazevedo@mnazulejo.dgpc.pt](mailto:aazevedo@mnazulejo.dgpc.pt)

### **Maria de Lurdes Esteves**

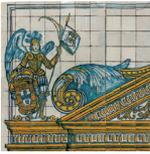
Museu Nacional do Azulejo, Lisboa, Portugal, [mesteves@mnazulejo.dgpc.pt](mailto:mesteves@mnazulejo.dgpc.pt)

*SUMMARY: In documents from the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> centuries we can read sometimes the expression “golden azulejos”. This is a matter that azulejo historians never fully studied but which raises interesting questions. Sometimes this expression could be related to azulejos in the “lusterware” technique, a secretive and complex process which allowed the ceramic surfaces to be decorated with gold and copper metallic shine.*

*Another possibility to interpret the expression “golden azulejos” is related with a form of decoration used from the late 16<sup>th</sup> to the early 17<sup>th</sup> centuries. Sometimes the glazed surface of azulejos was painted with an oil-based golden paint, presumably over white tiles or over compositions of “enxaquetado” (chequered compositions) of several colours. Examples of these decorations are rare today due to the frailty of the process.*

*With this presentation we aim to present two processes of decorations of azulejos in Portugal that remain almost ignored but in their time could return a quite staggering effect.*

*KEY-WORDS: azulejos, gold leaf, lusterware, conservation.*



*RESUMO: Na documentação dos séculos XVI e XVII surgem, por vezes, menções a espaços forrados de “azulejos dourados”. Esta descrição, que ainda não foi objecto de reflexão por parte de investigadores ligados à História do azulejo, levanta questões interessantes. Podemos inferir que alguns destes azulejos poderiam ser ainda de manufactura andaluz, empregando a técnica que se denomina de “lustre” ou “brilho metálico”. Mediante um processo complexo e mantido como segredo ofical, era possível obter azulejos com áreas decoradas a metalizados dourados ou cor de cobre. Uma outra possibilidade, da qual se conhecem exemplares do final de Quinhentos e início de Seiscentos, é a pintura a óleo, em dourado, sobre superfícies forradas com azulejos, estes normalmente em composições hoje denominadas “enxaquetados”. Exemplos desta prática são raros face à fragilidade do processo empregue.*

*Com esta reflexão pretende-se demonstrar a existência de dois processos decorativos empregues na azulejaria em Portugal, dos quais a sua prática permanece ainda praticamente ignorada, mas que na sua época terão sido dos mais surpreendentes de ser observados.*

## OURO SOBRE O AZULEJO

Em documentação datada dos século XVI e 1ª metade do século XVII é possível encontrar referências a revestimentos de “azulejos dourados”, expressão que inusitada nos pode levar a considerar dois tipos distintos de aplicações. O mais recuado e do qual só muito raramente se encontram ainda exemplares *in situ* em Portugal, é o que empregou azulejos sevilhanos de “brilho metálico” com iridescências coloridas também designados como azulejos de *lustre*. Estas peças distinguem-se das restantes produções sevilhanas contemporâneas por possuírem, para além do azul e do branco, que normalmente integram a paleta destas peças, elementos metalizados com colorações que vão desde o castanho, laranja avermelhado (cobre) ao amarelo (ouro) em cor de cobre ou de ouro. A decoração é feita com uma mistura de pigmentos compostos por argila, cobre, prata e mercúrio sobre o vidro de estanho já cozido. A peça é depois submetida a uma nova cozedura abaixo dos 600°C em atmosfera redutora [1]. Esta última e complexa etapa de fabricação impede a oxidação do cobre empregue na decoração (logo este não ficava verde, como era habitual), garantindo que assumia o brilho metálico avermelhado que o caracteriza. Os azulejos que empregavam esta técnica eram mais raros, provavelmente por serem consideravelmente mais caros (o processo era dispendioso e falível) e só algumas oficinas estarem habilitadas a produzi-los, não sendo surpreendente a sua raridade.

A fixação do lustre a temperaturas baixas contribui, provavelmente, para que muitos destes azulejos tenham chegado aos nossos dias sem o esplendor que devem ter tido na sua época.

Em Portugal podemos ver alguns destes azulejos a forrar um altar, numa das capelas do Parque da Pena, em Sintra, mas onde o seu efeito seria originalmente mais espectacular era no revestimento interno do coruchéu da portaria de acesso à igreja da Pena. Aí pode ainda ser observado o revestimento total onde o motivo empregue é constituído por estrelas relevadas com brilho de cobre. Deveria causar surpresa aos visitantes passar por debaixo deste pequeno tecto, iluminado por uma lamparina que aí se suspendia, ao centro, vendo reflectida a luz no brilho metálico destas superfícies, que assim se tornavam ainda mais reflectoras do que o habitual. Este não foi, no século XVI, caso único.

Com as obras levadas a cabo na drenagem do convento de Santa Clara a Velha, em Coimbra, foi possível observar no tecto de uma das capelas laterais, vestígios do que outrora



foi o seu revestimento (figuras 1 e 2). Tal como no coruchéu da Pena, ele era constituído por estrelas, só que estas brilhavam com dourados contra um fundo azul. Uma vez mais a cenografia alcançada deveria provocar nos que aí se deslocavam um efeito de surpresa. Outros exemplos terão existido, não só no revestimento interior de abóbadas mas, tal como na pequena capela do Parque da Pena, no revestimento de paredes de espaços de grande importância.

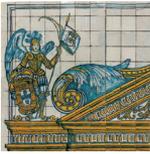


Figuras 1 e 2 – Cobertura de capela lateral na igreja do convento de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra (1), onde se observam ainda vestígios de azulejos hispanomouriscos representando estrelas e com decoração a dourado (2).

Sobre a igreja de Nossa Senhora da Graça em Lisboa escreveu no início do séc. XVIII o padre Carvalho da Costa na Corografia Portuguesa “e fazem campear o azulejo dourado, de que está cuberta toda de alto a bayxo. E do frizo mais vizinho à sua abóbada até o ultimo pavimento” [2]. Poderia tratar-se de azulejos de lustre, ou poderia tratar-se de azulejos em que a cor amarela transmitisse a ilusão do dourado. Existe no entanto uma outra hipótese interpretativa para a expressão “azulejos dourados” que encontramos na documentação. No final do século XVI surge uma tendência para forrar espaços com azulejos brancos, por vezes com elementos a azul ou verde. Gradualmente, esta decoração vão ganhando espaço e uma expressão notável na azulejaria portuguesa, com o que se veio a denominar “azulejos enxaquetados” pelas composições em xadrez de duas cores que constituíam. Estas superfícies, em que cada azulejo era de uma só cor, podiam depois ser pintadas sobre o vidro.

Na sua forma mais simples, como ocorre, por exemplo, numa das abóbadas da igreja do antigo Convento de Santa Maria de Almoester, em Santarém, o revestimento integral a azulejos brancos foi preenchido com motivos de *brutesco* com pintura a ouro [3] (figura 3). Por se tratar de uma decoração de superfície, executada após a aplicação dos azulejos no local, presume-se que date ainda da 1ª metade do século XVII.

O costume de pintar as superfícies de pedra das colunas e arcos nas igrejas do século XVII está suficientemente documentado, subsistindo ainda diversos exemplos desta prática, ainda que pela fragilidade do material seja expectável o seu desaparecimento num futuro, mais ou menos, próximo. João Miguel dos Santos Simões refere que na arruinada Igreja paroquial de São João Baptista, em Alfange, Santarém, também “o fundo dos azulejos brancos foi



dourado” [4]. Alternativamente poderia também fazer-se a aplicação de folha de ouro sobre os azulejos.

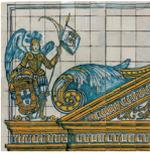


Figura 3 – Abóbada na igreja do antigo Convento de Santa Maria de Almoster, em Santarém, observando-se o revestimento integral a azulejos brancos preenchido com motivos pintados a ouro.

Um exemplo de acabamento a ouro sobre enxaquetados é ainda hoje reconhecível no ponto mais alto do arco que abre da sacristia para um pequeno oratório no antigo Convento da Conceição em Beja, onde a decoração mais completa se encontra aposta aos azulejos vidrados a verde, sendo mais simples as decorações douradas sobre os azulejos vidrados a branco e vidrados a azul que reconhecemos recentemente e aqui comunicamos (figuras 4 e 5). Não se conhece a data da sua aplicação, no entanto nota-se que só subsiste em locais manifestamente inacessíveis devendo originalmente ter-se prolongado para baixo. Esta frangível decoração é facilmente removida nas ações de manutenção e limpeza dos revestimentos sendo expectável o seu desaparecimento.<sup>5</sup>



Figuras 4 e 5 – Oratório anexo à sacristia do antigo Convento da Conceição em Beja onde se pode observar a decoração pintada a dourado sobre os azulejos verdes, azuis e brancos no enxaquetado do arco de acesso



Outros exemplares terão existido, hoje perdidos pela fragilidade da aplicação do ouro em superfícies vítreas polidas. No entanto, esta prática revela aspectos interessantes. Por um lado, reflecte a tradição do uso dos motivos a ouro empregues na pintura mural, articulando esta com a azulejaria, tal como no século XVIII a talha dourada virá a estabelecer com ela um frutuoso diálogo. Por outro lado, o uso do dourado antecipa o alargamento da paleta cerâmica da azulejaria no final do século XVI e na primeira metade do século XVII, quando o amarelo do antimoniato de chumbo se virá a constituir como elemento de grande protagonismo na decoração cerâmica portuguesa. Talvez, memória deste tipo de decorações a ouro sobre azulejos monocromáticos.

## Créditos

Trabalho realizado no enquadramento da cooperação entre o Museu Nacional do Azulejo e o Laboratório Nacional de Engenharia Civil cuja participação se realiza ao abrigo do Projeto 0202/111/19014 do Plano de Investigação e Inovação do LNEC 2013-2020.

## Referências bibliográficas

- <sup>1</sup> PÉREZ-ARANTEGUI, J; Larrea, A; Molera, J; Pradell, T. & Vendrell-Saz, M. *Some aspects of the characterization of decorations on ceramic glazes*, Applied Physics A, 79, 2004, pp. 235–239.
- <sup>2</sup> SANTOS SIMÕES, J.M., *Azulejaria em Portugal no século XVII*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1971, Tomo II, p.109.
- <sup>3</sup> MECO, J., *O azulejo em Portugal*, Publicações Alfa, Lisboa, 1996, p. 126.
- <sup>4</sup> SANTOS SIMÕES, J.M. 1971, Tomo II, op. cit. p. 157.
- <sup>5</sup> Fotografámos pela primeira vez esta decoração numa visita ao local realizada em Fevereiro de 2012. Já após a submissão deste artigo tomámos conhecimento da publicação em Beja do livro de Florival Baiôa Monteiro “Arte Azulejar de Beja- séculos XV a XX” (Editora adpBEJA, Maio 2015) que nas figuras 60 e 61 (pps. 71 e 74) ilustra diversas decorações a dourado sobre azulejos brancos, azuis e verdes dos enxaquetados deste mesmo local.